

A CRISE ECONÔMICA RECENTE E SEUS IMPACTOS SOBRE A BALANÇA COMERCIAL CATARINENSE

Rafael Rucinski¹

Lauro Mattei²

RESUMO

O estudo analisa os impactos da crise econômica global que eclodiu a partir de 2008 sobre a balança comercial catarinense, mostrando que tanto o país em seu conjunto como Santa Catarina, em particular, sofreram os efeitos dessa crise. As balanças comerciais brasileira e catarinense foram afetadas de diferentes maneiras, sendo que o denominador comum foi a geração de grandes déficits, especialmente durante os anos mais agudos da crise. Após discutir brevemente os marcos gerais da crise, o artigo apresenta os impactos específicos sobre o comércio externo catarinense, dando ênfase à dinâmica das exportações e importações. Dentre as principais conclusões, destacou-se que após a emergência da crise foi interrompido um período de expansão da participação do percentual das exportações catarinenses no conjunto do comércio externo do país, ao mesmo tempo em que as importações tiveram expressivo crescimento. Tanto a trajetória das exportações como das importações está relacionada ao comportamento do mercado global onde a economia catarinense tem inserção, especialmente em alguns países da Zona do Euro, nos EUA e em países do Mercosul, em especial a Argentina. Como as economias desses países parceiros comerciais foram fortemente afetadas pela crise, reduziram-se as oportunidades para os produtos de Santa Catarina, o que contribuiu para os contínuos déficits verificados na balança nos últimos anos. Particularmente em relação aos EUA observou-se um fato inusitado, pois enquanto que as exportações catarinenses para os EUA decresceram, as importações catarinense de produtos vindos dos Estados Unidos caíram em uma proporção muito menor com relação à queda das importações norte-americanas de produtos de Santa Catarina. Com isso, os elevados saldos comerciais que o estado tinha com os EUA quase desapareceram após o surgimento da crise. Finalmente, destacou-se também o efeito China na balança comercial, dado o aumento expressivo de produtos oriundos daquele país, fato fundamental para agravar os déficits a partir de 2008.

Palavras-chave: Santa Catarina, Balança Comercial, Exportações e Importações

Área Temática 9: Economia e Relações Internacionais

¹ - Graduado em Economia pela UFSC. Email: rafael_rucinski@hotmail.com

² - Professor do curso de Ciências Econômicas e de Pós-Graduação em Administração, ambos da UFSC. Email: l.mattei@ufsc.br

INTRODUÇÃO

A crise econômica explicitada no ano de 2008 ganhou dimensão global a partir de acontecimentos que ocorreram no mercado financeiro americano ainda em 2007, tendo relação direta com a perda de dinamismo no sistema de financiamento de imóveis nos Estados Unidos. Este problema se espalhou rapidamente pelos mercados financeiros mundiais e, ainda no mês de agosto de 2007, o BNP-Paribas - maior banco francês - suspendeu o resgate das quotas de seus fundos imobiliários (BORÇA JÚNIOR; TORRES FILHO, 2008).

Destaca-se como sendo de fundamental importância para a eclosão da crise atual a crescente utilização dos créditos *subprime*. Segundo Wacker (2008 apud ALBERINI; BOGUSZEWSKI, 2008), os títulos *subprime*, são basicamente aqueles que possuem a mais baixa classificação no mercado hipotecário americano, sendo oferecidos para pessoas que não possuem um histórico de bom pagador. A crise nesse mercado causou um impacto muito grande na economia mundial, o que faz essa crise ser considerada a mais impactante desde a crise de 1929 (LIMA; MATHIAS, 2009).

O governo brasileiro, diante da iminência do impacto da crise na economia do país, adotou políticas e programas para estimular a demanda interna. Dentre esses programas destacam-se, o aumento do crédito por intermédio de bancos públicos, a redução da taxa Selic, e os programas sociais como o “Minha Casa, Minha Vida” (BANCO CENTRAL DO BRASIL, 2010). A redução do Imposto Sobre Produtos Industrializados (IPI) também foi de suma importância para que o Brasil se protegesse momentaneamente da crise.

Mesmo com as medidas adotadas, o país não ficou imune em relação aos efeitos da crise econômica global. A taxa de desemprego aumentou em decorrência da queda de produção das empresas nacionais e multinacionais; o PIB brasileiro registrou oscilações negativas e baixas taxas médias de crescimento; a produção industrial regrediu fortemente; etc. Isto mostra que a crise afetou até mesmo países que aparentemente não possuíam nenhuma ligação com o mercado imobiliário norte-americano.

Particularmente em relação à balança comercial, tanto no Brasil como em Santa Catarina, houve grandes impactos decorrentes do esgotamento da capacidade econômica dos países mais afetados pela crise e que são parceiros comerciais, gerando-se déficits cada vez maiores na balança comercial brasileira e catarinense. Como a economia

mundial encontrava-se estagnada, era de se esperar que houvesse uma redução do consumo mundial, já que os mercados tentavam se ajustar de acordo com a falta de liquidez momentânea. Este cenário projetava efeitos negativos às exportações catarinenses, já que o estado possui parceiros comerciais em diversos países que estavam no epicentro do fenômeno.

Neste cenário, o estudo procura analisar seus efeitos sobre a balança comercial catarinense durante este período da crise. O artigo é composto por mais três seções, além desta breve introdução. Na primeira delas discutem-se, em linhas gerais, os marcos da crise econômica global que se desenvolveu a partir de 2008. A segunda seção analisa os impactos da crise sobre a balança comercial de Santa Catarina, com ênfase nos efeitos sobre os setores exportadores. A terceira seção apresenta as considerações finais do trabalho, destacando os principais desafios para a economia catarinense neste cenário de crise global.

1 - BREVES NOTAS SOBRE A CRISE ECONÔMICA PÓS 2008

Para Gonçalves (2008), a crise tem início com insolvência generalizada no sistema de hipotecas imobiliárias nos Estados Unidos. Essa insolvência foi causada pela expansão do crédito, principalmente o imobiliário, sendo apontada como causa dessa expansão um determinante conjuntural e um determinante estrutural. Como determinante conjuntural, o autor aponta a redução das taxas de juros, que teve como consequência imediata a expansão do crédito imobiliário e da demanda por imóveis, o que levou ao aumento do preço dos mesmos, estimulando o motivo especulação. Pelos fatores estruturais, destaca-se como ponto principal a crescente desregulamentação financeira, que ficou marcada pelo grande aumento das hipotecas *subprime* e também pela grande alavancagem do sistema financeiro. Naquele momento, as taxas de juros nos Estados Unidos saltaram de 1% para 5,25% em junho de 2007.

Quando os preços dos imóveis começaram a baixar, juntamente com o aumento das taxas de juros, ficava muito mais difícil para o contratante do crédito *subprime* honrar com seus compromissos, já que as operações eram realizadas com taxas de juros pós-fixadas. E com a redução dos preços, nem mesmo o motivo de especulação, ou a esperança de uma valorização dos imóveis, era possível. Com o crescente aumento da oferta de imóveis e a conseqüente baixa dos preços, houve uma relutância dos

proprietários em vender os imóveis abaixo do valor da hipoteca, o que levou a um número de 4 milhões de casas não vendidas em janeiro de 2008, juntamente com 2.9 milhões de imóveis desocupados (GONTIJO, 2008).

Com a queda do preço dos imóveis e a consequente inadimplência, os danos foram graves no mercado hipotecário, sendo que em fevereiro de 2007 os primeiros efeitos já foram sentidos no mercado financeiro. Segundo Gontijo (2008), neste mês o HSBC divulgou em seu balanço perdas vindas do mercado imobiliário. No mês seguinte, abril de 2007, a empresa New Century Financial passou por uma grave crise, sendo obrigada a dispensar a metade de seus funcionários. Em julho do mesmo ano, o Bear Stearns, um dos maiores bancos de investimento dos Estados Unidos, avisou seus investidores de que os fundos de derivativos de hipotecas não era mais seguros e que eles poderiam perder dinheiro caso investissem nestes fundos.

Alguns bancos de investimento europeus foram encontrando dificuldade até que um dos maiores deles, o BNP-Paribas, anunciou que suspenderia o resgate de três cotas de seus fundos imobiliários. Essa ação do banco BNP levou a uma grande instabilidade no mercado financeiro mundial, com as ações desses maiores bancos de investimento despencando, o que levou a despencar também todo o mercado de capitais europeu. Essa onda de choque que passou o mercado financeiro mundial em meados de 2007 foi inicialmente controlada através da imediata ajuda de Federal Reserve, do Banco Central Europeu e do Banco do Japão, que juntos injetaram quase 400 bilhões de dólares no sistema financeiro (GONTIJO, 2008).

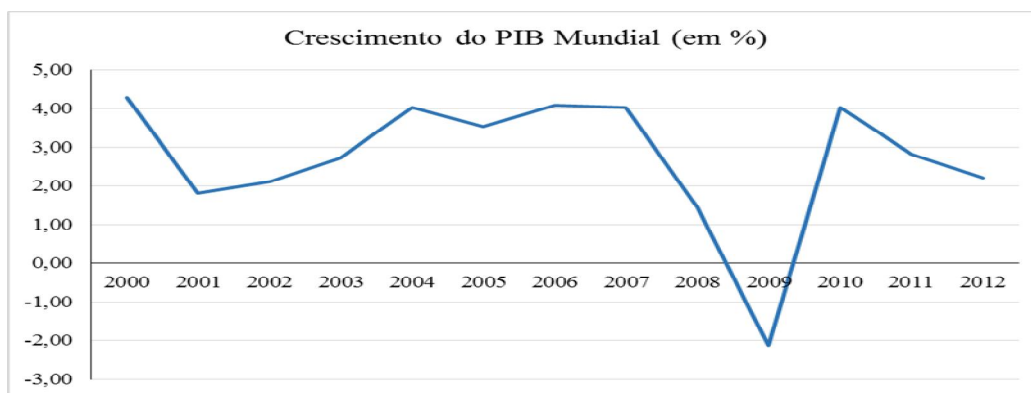
A partir do ano de 2007 ocorreu uma inflexão na demanda agregada global com a eclosão da crise do *subprime*. A partir daí se percebe uma grande desaceleração seguida de uma contração no endividamento das famílias e das empresas e uma ação expansiva do setor público através das suas políticas anticíclicas. Até o início de 2010, ocorreu uma estabilização desse padrão, que pode ser entendido como uma contribuição negativa para o crescimento do PIB americano.

O governo americano em conjunto com o FED, trabalhava para conter essa onda de instabilidade, cortando as taxas de juros cada vez mais, além de outras medidas. Mas isso não foi suficiente, já que em março de 2008 o Bear Stearns entrou em colapso, obrigando o FED a fazer uma tentativa de salvamento, oferecendo uma linha de crédito de US\$ 30 bilhões para que o JP Morgan Chase adquirisse o Bear Stearns, o que foi uma atitude inesperada já que por ser um banco de investimentos, o Bear Stearns não estava na jurisdição do FED (BORÇA JÚNIOR; TORRES FILHO, 2008).

E em setembro do mesmo ano, o sistema financeiro mundial entrou em choque com a negativa do Tesouro Norte-Americano em socorrer o Lehman Brothers (GONTIJO, 2008). Para Farhi e Cintra (2009), a falência do Lehman Brothers foi o ponto mais importante da crise, já que ela começou a apresentar contornos sistêmicos.

Como a crise que se originou no mercado hipotecário americano e se espalhou rapidamente para os demais mercados financeiros mundiais, era de se esperar que a economia real fosse afetada. Dados do Banco Mundial revelam que o nível de produção sofreu uma grave recessão, conforme gráfico 1.

Gráfico 1: Crescimento do PIB mundial no período de 2000 – 2012.



Fonte: Elaborado com base nos dados disponíveis em *World Bank*.
Disponível em: <<http://data.worldbank.org/topic/economic-policy-and-external-debt>>.

Para Carvalho (2010), essa queda do produto mundial só não foi maior porque as políticas macroeconômicas que foram utilizadas na contenção dos efeitos mais catastróficos da crise obtiveram êxito em diversos países. China e Índia, por exemplo, puxaram a economia para uma situação não tão catastrófica, já que tiveram apenas um crescimento em ritmo “apenas” alto no lugar de muito alto. De fato, o produto caiu em praticamente todo o mundo, mas principalmente nas economias mais financeirizadas, como Estados Unidos, Alemanha, França e Reino Unido.

2 - A ECONOMIA BRASILEIRA DURANTE A CRISE ECONÔMICA

O ano de 2008 marca um período de inflexão no crescimento da economia brasileira, já que durante esse ano duas situações distintas ocorreram. Os primeiros três trimestres foram marcados por um vigoroso crescimento do PIB brasileiro, causados principalmente por uma intensa expansão do consumo e do investimento privado. A

partir do último trimestre do ano, o PIB teve uma redução de 3,6%. Mesmo assim, o PIB no ano de 2008 cresceu 5,1%, puxado pelo crescimento dos primeiros trimestres que ainda não haviam sido contaminados pelos acontecimentos da crise (BANCO CENTRAL DO BRASIL, 2008).

A partir do primeiro semestre de 2008, com a quebra do Lehman Brothers, a crise atingiu um caráter sistêmico, difundindo-se praticamente em todos os países emergentes, mesmo que esses não estivessem envolvidos com o mercado hipotecário americano e muito menos com o desenvolvimento dos créditos *subprime* (PRATES, 2010).

Para Pastore e Pinotti (2008), a crise chega ao Brasil através de dois canais distintos. O primeiro deles é o encolhimento dos fluxos de capitais que são necessários para o país financiar os déficits nas contas correntes, para poder manter elevada a taxa de investimento. O segundo canal foi a redução dos preços internacionais das *commodities*, o que contribuiu em última instância para a redução do preço médio das exportações mundiais.

Para Paulani (2009), os primeiros impactos da crise na economia brasileira foram no setor financeiro. O sistema financeiro nacional também estava inserido no contexto de globalização financeira que aconteceu nos últimos anos e isso impunha uma lógica financeira ao processo de acumulação financeira. Um dado que explica muito bem esse novo contexto é a relação entre o estoque de ativos financeiros não monetários e o estoque de ativos financeiros, que passou de 15%, em 1992, para 75%, em 2008. Com isso, logo após a eclosão da crise se percebeu uma crise de confiança, o que levou a uma escassez de crédito e um quase congelamento entre os mercados interbancários.

Pelo lado real da economia, o impacto da crise chegou principalmente pela deterioração das expectativas. Isso causou impactos negativos na variável investimento. Do lado do consumo, o crédito não foi afetado da mesma maneira que o investimento, mas em financiamento de alto valor, como automóveis, por exemplo, onde o crédito teve uma leve retração (PAULANI, 2009).

Os efeitos da crise econômica na produção industrial chegaram através das vias comercial e creditícia. A falta de crédito veio com o enfraquecimento dos mercados financeiros. Com isso, a indisponibilidade de aquisição de grandes empréstimos destinados à produção afetou o nível de investimento na economia brasileira, bem como as expectativas dos agentes. Pela via comercial o canal de chegada da crise foi o esgotamento da demanda externa, impactando negativamente nos setores de bens

intermediários e na produção de bens de capital, como ônibus e aviões. (BANCO CENTRAL DO BRASIL, 2009).

Com os efeitos causados pela crise, o mercado de trabalho no Brasil sofreu três grandes consequências: desemprego, ocupação precária e alta rotatividade. Com a queda no crescimento do produto, as demissões aumentaram e os possíveis novos ingressantes estavam com dificuldades para galgar uma posição no mercado de trabalho. A taxa de desemprego teve uma elevação já em 2009, ao mesmo tempo em que ocorreu uma alteração no perfil do desempregado (POCHMANN, 2009).

Com relação à balança comercial brasileira em 2009, o contexto internacional afetou gravemente o coeficiente importado e exportado. Ocorreram quedas de 22,7% nas exportações e de 26,2% nas importações. Segundo o BACEN, apesar dos fortes recuos sofridos nas importações e exportações, a economia brasileira teria perspectivas favoráveis para o ano de 2010, pois já havia alguns sinais de recuperação do comércio externo brasileiro no ano seguinte (BANCO CENTRAL DO BRASIL, 2009).

Em síntese, pode-se dizer que a crise se instaurou no Brasil da mesma maneira que chegou a outros países emergentes, ou seja, através do esgotamento do dinamismo das economias desenvolvidas. A atuação do governo brasileiro no combate à crise se tornou então uma estratégia necessária para que não ocorresse com o Brasil o que aconteceu com diversos países da Zona do Euro.

3 – A ECONOMIA CATARINENSE E OS IMPACTOS DA CRISE SOBRE A BALANÇA COMERCIAL

A economia catarinense se situa entre as principais economias regionais do país. O estado se manteve inserido no contexto comercial externo brasileiro devido a sua estrutura produtiva ser bastante diversificada. A tabela 1 destaca essa importância da economia catarinense para a economia nacional.

As informações mostram que, apesar da fase de grande crescimento da economia brasileira, a economia catarinense não conseguiu acompanhar esse ritmo. Isso ficou explicitado pela crescente queda da participação nas exportações brasileiras, que caiu de 5,2%, em 2001, para 4,17%, em 2008, ainda sem os efeitos da crise. E de forma ainda mais impactante, a participação das importações que saltou de 1,71%, em 2000, para 4,59%, em 2008, indicando uma crescente perda de dinamismo da balança comercial de Santa Catarina.

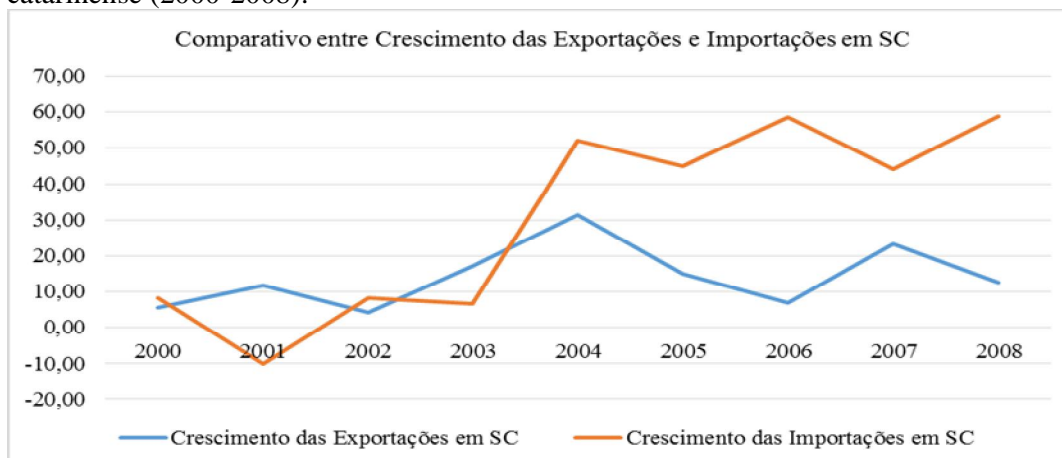
Tabela 1: Participação das exportações e importações catarinenses na balança comercial brasileira. Dados em US\$ 1000 FOB.

Ano	Exportações	Part. %	Importações	Part. %
2000	2.712.493	4,92	957.170	1,71
2001	3.031.172	5,20	860.394	1,54
2002	3.160.456	5,22	931.395	1,97
2003	3.701.854	5,05	993.810	2,05
2004	4.862.608	5,03	1.508.950	2,40
2005	5.594.239	4,72	2.188.540	2,97
2006	5.982.112	4,34	3.468.768	3,79
2007	7.381.839	4,59	5.001.944	4,14
2008	8.310.528	4,17	7.940.724	4,59

Fonte: Elaborado com base nos dados de Ministério do Desenvolvimento, Indústria e Comércio Exterior. Disponível em: <<http://www.mdic.gov.br//sitio/interna/interna.php?area=5&menu=1078&refr=1076>>.

É interessante observar esse comportamento do aumento das importações catarinenses a partir do comparativo entre essas duas variáveis, como se pode observar no Gráfico 2. Segundo Zanela et al (2010), o impacto do aumento expressivo das importações catarinenses é resultado do contexto porque passou a economia brasileira, qual seja, a valorização da moeda brasileira no período, o que contribuía para a facilidade de importar no período.

Gráfico 2: Comparativo entre o crescimento das exportações e importações na economia catarinense (2000-2008).



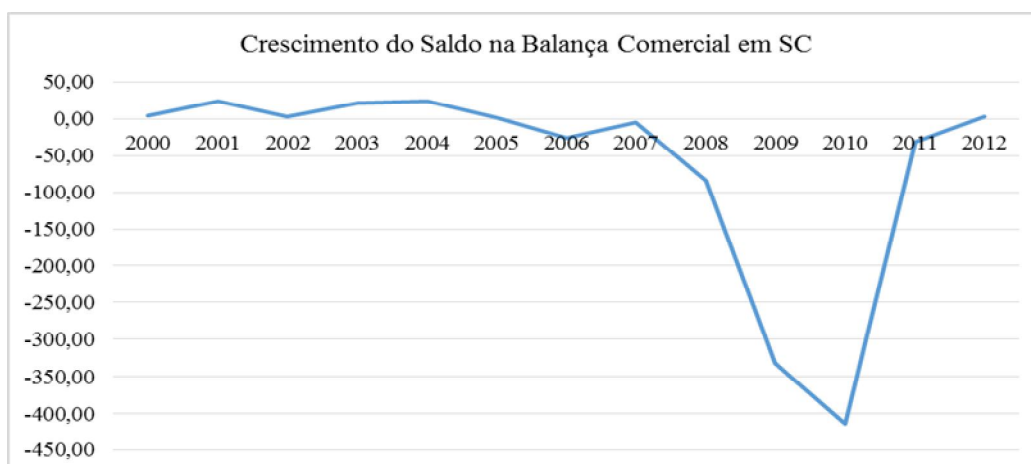
Fonte: Elaborado com base nos dados de Ministério do Desenvolvimento, Indústria e Comércio Exterior. Disponível em: <<http://www.mdic.gov.br//sitio/interna/interna.php?area=5&menu=1078&refr=1076>>.

Esse crescimento das importações catarinenses não foi acompanhado pelo crescimento das exportações, o que acabou ocasionando um déficit na balança comercial de Santa Catarina antes mesmo da eclosão da crise econômica no Brasil. Na verdade, ao final de 2008, já eram sentidos os primeiros impactos da crise mundial nas economias dominantes, e isso impactava negativamente a economia do estado na medida em que se reduzia a sua capacidade de exportação.

Em síntese, essas informações mostram que já era possível observar que a economia catarinense vinha encontrando dificuldades para manter superavitária sua balança comercial, já que as importações não paravam de crescer enquanto as exportações começavam a sofrer os primeiros efeitos do enfraquecimento das economias centrais.

O Gráfico 3 mostra o crescimento do saldo da balança comercial catarinense durante o período que vai de 2004 até 2012. O principal aspecto na análise desse gráfico diz respeito ao grande efeito causado pela crise econômica na balança comercial catarinense. Como foi observado em uma seção anterior deste trabalho, o formato do gráfico se assemelha muito ao do gráfico de desempenho do crescimento do PIB mundial. Os resultados mostram que houve um decréscimo de quase 450% no saldo da balança comercial catarinense no ano de 2010. Este comportamento permite afirmar que as medidas econômicas do governo brasileiro tiveram poucos efeitos sobre a economia catarinense naquele momento.

Gráfico 3: Crescimento da balança comercial de Santa Catarina entre 2000 e 2012



Fonte: Elaborado com base nos dados de Ministério do Desenvolvimento, Indústria e Comércio Exterior. Disponível em: <<http://www.mdic.gov.br//sitio/interna/interna.php?area=5&menu=1078&refr=1076>>.

Mesmo com as medidas econômicas adotadas pelo governo brasileiro, a produção industrial e a agropecuária entraram em recessão. Sendo esses dois itens o carro-chefe das exportações catarinenses, era de se esperar que a redução na balança comercial fosse acentuada no período. Em números absolutos, o saldo na balança comercial catarinense (Tabela 2) chegou a quase US\$ 3,5 bilhões no ano de 2005, o valor mais alto dos últimos anos, sendo que o ano de 2008 foi o último ano em que a balança comercial catarinense foi superavitária. Já o pior resultado ocorreu no ano de 2011, com um déficit de aproximadamente US\$ 5,8 bilhões.

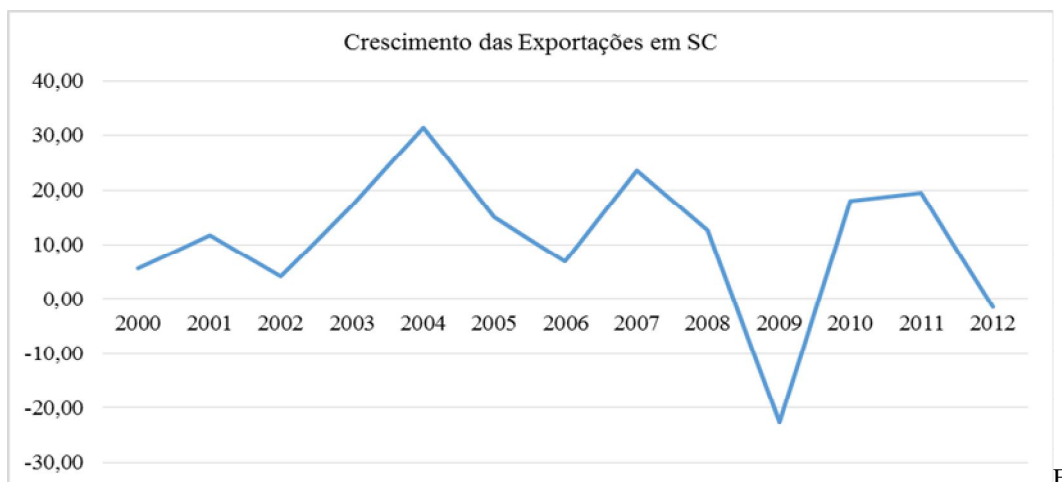
Tabela 2: Saldo da balança comercial catarinense (2004-2012), em US\$ FOB.

Ano	Saldo	Var. %
2004	3.353.658	23,84
2005	3.405.699	1,55
2006	2.513.344	-26,20
2007	2.379.895	-5,31
2008	369.804	-84,46
2009	-855.638	-331,38
2010	-4.396.083	-413,78
2011	-5.789.930	-31,71
2012	-5.630.947	2,75

Fonte: Elaborado com base nos dados de Ministério do Desenvolvimento, Indústria e Comércio Exterior. Disponível em: <<http://www.mdic.gov.br//sio/interna/interna.php?area=5&menu=1078&refr=1076>>.

Este comportamento da balança comercial catarinense pode ser melhor compreendido quando se analisa a dinâmica de algumas das variáveis que compõem a balança comercial. O gráfico 4 mostra que as exportações catarinenses seguiram uma trajetória de crescimento irregular durante o período analisado, atingindo seu pico de seu crescimento no ano de 2004, com um crescimento de 31,36% em relação ao ano anterior. Seu pior resultado foi registrado justamente no ano de 2009, auge do período da crise econômica mundial, quando as exportações caíram 22,66%. Após as recuperações de crescimento verificadas nos anos de 2010 e 2011, com taxas anuais de aproximadamente 17%, as exportações voltaram a cair ligeiramente no ano de 2012.

Gráfico 4: Percentual de crescimento das exportações catarinenses entre 2000 e 2012

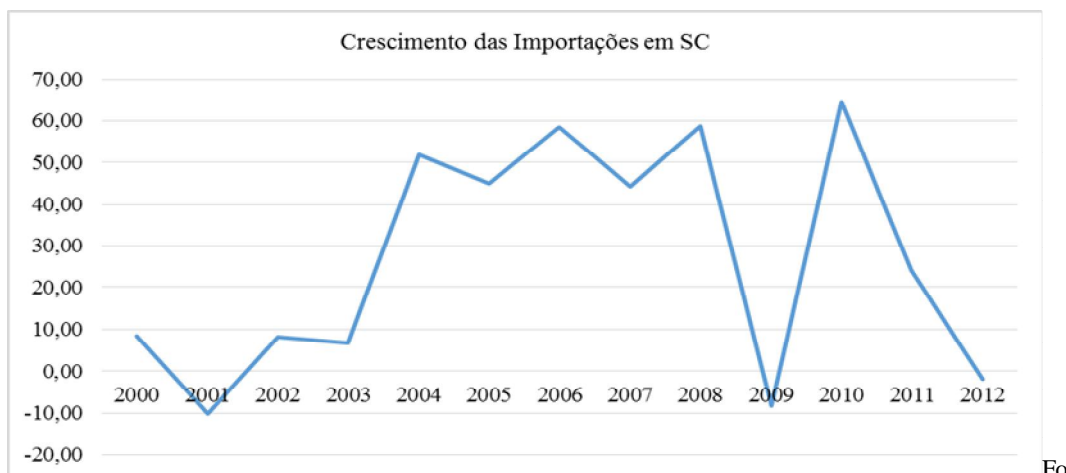


Fonte: Elaborado com base nos dados de Ministério do Desenvolvimento, Indústria e Comércio Exterior. Disponível em: <<http://www.mdic.gov.br//sitiointerna/interna.php?area=5&menu=1078&refr=1076>>.

Enquanto que o crescimento das exportações foi instável, com um ano de contração, o crescimento das importações (gráfico 5) pode ser separado em dois períodos distintos, descontando-se o período de contração nas importações durante o ano de 2009. O crescimento das importações foi muito mais elevado que o crescimento das exportações no período anterior à crise. Isso pode ser explicado de duas maneiras. A primeira delas é a de que o período anterior da crise era propício para importar produtos já que a economia brasileira estava aquecida, beneficiando-se de contexto externo favorável. A outra explicação se deve a taxa de câmbio que durante o período entre 2002 e 2008 se manteve em constante apreciação, fazendo com que os produtos do exterior ficassem mais baratos. Esse primeiro período então é marcado por grandes aumentos da capacidade de importar do estado catarinense.

O segundo período iniciou em 2010 após a recuperação da crise, quando as importações voltaram a crescer. A depreciação do câmbio brasileiro em 2011 fez com que o crescimento das importações fosse mais contido comparativamente em relação ao ano de 2010.

Gráfico 5: Percentual de crescimento das importações catarinenses entre 2000 e 2012



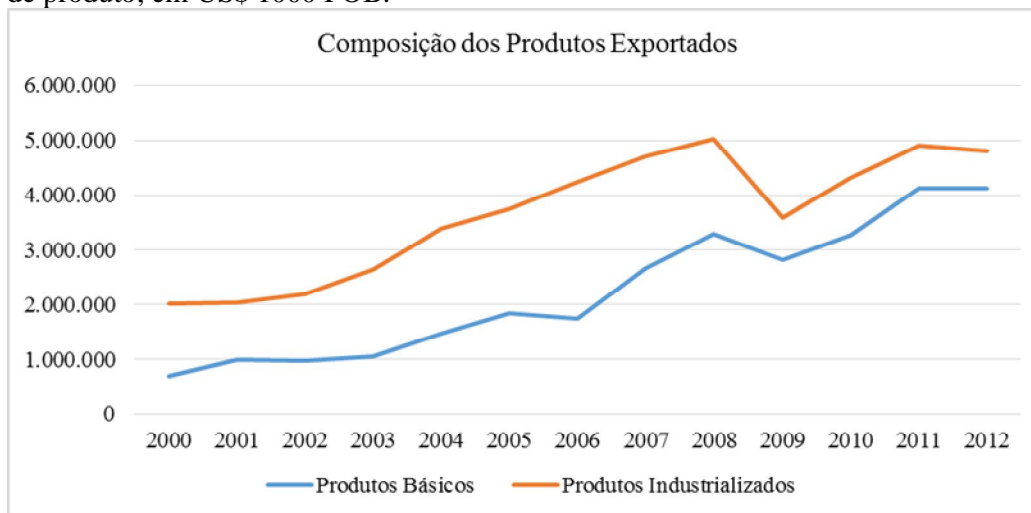
Fonte: Elaborado com base nos dados de Ministério do Desenvolvimento, Indústria e Comércio Exterior. Disponível em: <<http://www.mdic.gov.br//sistema/interna/interna.php?area=5&menu=1078&ref=1076>>.

É possível observar que a taxa de crescimento das importações chegou a 58,75% em 2008, seu maior valor pré-crise, sendo que entre os anos de 2004 e 2008 obteve-se uma média de aproximadamente 50% ao ano. Com a crise houve uma retração no ano de 2009, ocorrendo o maior aumento de todo o período analisado no ano de 2010, quando a taxa de crescimento das importações chegou a 64,46%. Após o ano de 2010, a taxa de crescimento caiu mais da metade, tornando-se negativa no ano de 2012.

Agora é importante analisar separadamente cada categoria de produto, tanto para exportação como para importação. No caso das exportações (gráfico 6) separou-se a produção em produtos básicos, que são produtos de baixo valor e intensivos em mão-de-obra, sendo uma cadeia produtiva simples e que sofre poucas transformações, como é o caso da extração de carvão e da agricultura; e em produtos industrializados, que é o agrupamento de produtos semimanufaturados, produto que passou por algum tipo de transformação, como é caso do couro, e produtos manufaturados, que são produtos que empregam uma maior tecnologia, caso dos motores WEG.

Os produtos industrializados são os mais importantes na pauta de exportação da economia catarinense. Em todo o período observado eles estão à frente dos produtos básicos. Porém, nota-se que essas duas categorias seguem basicamente o mesmo ritmo, qual seja, um crescimento até a eclosão da crise, seguido por uma retração do valor exportado durante a crise. Mesmo que a queda tenha sido maior no caso dos produtos industrializados, nota-se que os produtos básicos também sofrerem queda no mesmo período.

Gráfico 6: Composição das exportações catarinenses entre 2000 e 2012 por categoria de produto, em US\$ 1000 FOB.



Fonte: Elaborado com base nos dados de Ministério do Desenvolvimento, Indústria e Comércio Exterior. Disponível em: <<http://www.mdic.gov.br//sito/interna/interna.php?area=5&menu=1078&refr=1076>>.

O melhor momento das exportações de produtos industrializados antes da crise foi no ano de 2008, quando se exportou US\$ 5 bilhões. Com a eclosão da crise, houve uma queda em 2009, mas já em 2011 o valor exportado voltou ao mesmo patamar de 2008. Com relação aos produtos básicos, as exportações atingiram US\$ 3.3 bilhões antes da crise em 2008, e após 2010 esta categoria voltou a crescer, alcançando um patamar maior do que o que tinha antes da crise, sendo que em 2011 foram exportados cerca de US\$ 4.1 bilhões.

Em grande medida, este comportamento pode estar indicando um movimento de reprimarização da economia catarinense, fenômeno que também está sendo considerado por muitos analistas no caso da economia brasileira.

Já pelo lado das importações (gráfico 7), nota-se a gritante diferença no que diz respeito aos dois tipos de produtos. Eles partem de um patamar quase semelhante, sendo que os produtos industrializados situam-se ligeiramente à frente. Mas pelas razões expostas anteriormente, a importação de produtos industrializados cresceu aproximadamente 1.750% no período entre 2000 e 2012. Os produtos básicos também cresceram, porém o percentual no mesmo período (cerca de 311%) tornou-se insignificante perante o crescimento da importação dos produtos industrializados.

Gráfico 7: Composição das importações catarinenses entre 2000 e 2012 por categoria de produto, em US\$ 1000 FOB.



Fonte: Elaborado com base nos dados de Ministério do Desenvolvimento, Indústria e Comércio Exterior. Disponível em: <<http://www.mdic.gov.br//sio/inter/inter.php?area=5&menu=1078&refr=1076>>.

As informações do gráfico acima revelam que a importação de produtos industrializados teve um crescimento quase exponencial, o que em termos absolutos chegou a US\$ 7.5 bilhões em 2008. Após o breve período de retração durante o auge da crise (2009), este tipo de importação voltou a crescer a altíssimas taxas, chegando ao topo no ano de 2011 quando US\$ 14 bilhões foram gastos com produtos industrializados.

Já a importação de produtos básicos se manteve praticamente estável, apresentando leve crescimento durante todo o período considerado, ocorrendo apenas uma leve queda durante o ano de 2008. As importações desse tipo de produto consumiram US\$ 950 milhões em 2011, ano em que se atingiu o valor máximo.

É importante verificar dentro da categoria “produtos industrializados” o comportamento de cada um dos subprodutos (produtos manufaturados e semimanufaturados). O gráfico 8 mostra este comportamento, ressaltando que no caso catarinense, os produtos semimanufaturados são representados pelas mercadorias semiprocessadas, enquanto que os máquinas e equipamentos representam os produtos manufaturados.

As informações do gráfico 8 revelam que as importações de produtos manufaturados ficaram muito acima das importações de produtos semimanufaturados, sendo que a taxa de crescimento anual foi muito maior nos manufaturados comparativamente aos semimanufaturados, mesmo que estes últimos tenham crescido muito sua participação nas importações, especialmente após o ano de 2009.

Gráfico 8: Participação dos subprodutos na composição das importações de Produtos Industrializados entre 2000 e 2012, em US\$ 1000 FOB.



Fonte: Elaborado com base nos dados de Ministério do Desenvolvimento, Indústria e Comércio Exterior. Disponível em: <<http://www.mdic.gov.br//sitiointerna/interna.php?area=5&menu=1078&refr=1076>>.

Desta forma, percebe-se que em valores absolutos as importações de produtos manufaturados passaram de US\$ 720 milhões, em 2000, para quase US\$ 12 bilhões, em 2011. Já os produtos semimanufaturados também tiveram um crescimento expressivo, ao saírem do patamar de US\$ 19 milhões, em 2000, para pouco mais de US\$ 2 bilhões no ano de 2011.

A Tabela 3 apresenta os principais produtos exportados pela economia catarinense entre os anos de 2006 e 2009. Analisando os seis principais produtos que compõem a pauta de exportação do comércio internacional catarinense observou-se que apenas um deles (fumo) não teve uma retração em seus valores exportados, sendo que mesmo no período da crise este produto continuou sua trajetória de crescimento. Já o principal item da pauta de exportação da economia catarinense (pedaços e miudezas de galinha) passou a possuir mais que o dobro da participação do fumo entre 2006 e 2008, sendo que no último ano chegou a exportar US\$ 1,26 Bilhão, mas logo a seguir sofreu com a recessão mundial, levando a uma redução dos valores absolutos de suas exportações em US\$ 200 milhões no ano de 2009.

De um modo geral, observa-se certa estabilidade apresentada pelos principais produtos da pauta exportadora, sendo os selecionados são quase sempre os mesmos produtos que figuram nas primeiras posições. Isto mostra a concentração da pauta exportadora em determinados tipos de atividades, com destaque para os produtos

agroindustriais, cujo valor agregado ainda é baixo comparativamente aos produtos industriais manufaturados.

Tabela 3: Principais produtos exportados pelo estado Santa Catarina entre 2006 e 2009. Valor em US\$ FOB.

Produtos	Anos			
	2006	2007	2008	2009
Pedaços e miudezas de galinha	685.092.903	969.019.972	1.263.816.975	991.238.691
Fumo	407.186.510	449.958.216	614.012.781	679.131.875
Motocompressor	347.779.314	395.957.489	409.686.353	343.813.165
Grãos de soja	46.015.689	302.850.975	184.643.120	93.594.409
Carne de suíno congelada	206.086.369	256.693.189	318.359.202	261.855.793
Preparações alimentícias de frangos	158.593.537	233.731.526	293.691.307	276.753.952

Fonte: Elaborado com base nos dados de Ministério do Desenvolvimento, Indústria e Comércio Exterior. Disponível em: <<http://www.mdic.gov.br//sitio/interna/interna.php?area=5&menu=1078&refr=1076>>.

Essa concentração, especialmente em produtos oriundos do setor agropecuário, poderá se tornar no futuro em sérias restrições à balança comercial catarinense, uma vez que, conforme veremos mais adiante, países demandadores destes produtos poderão ser afetados por crises e suspender suas importações, ou então ter acesso a produtores de outras nacionalidades, o que implicaria em uma concorrência desfavorável em tempos de câmbio apreciado.

A Tabela 4 mostra o destino das exportações catarinense, destacando os principais países parceiros comerciais de Santa Catarina. Os dados revelam que os EUA ainda continuam sendo o principal parceiro comercial do estado. Com isso, é possível entender melhor o contágio sofrido pela balança comercial no auge da crise, cujo epicentro estava efetivamente nos EUA. Como mais recentemente a economia desse país deu sinais de recuperação, os efeitos já se fizeram sentir nas transações comerciais catarinenses.

Outro grupo de países com expressão na pauta exportadora catarinense refere-se aos países da Europa, com destaque para a Alemanha e Holanda, que em termos absolutos ultrapassam as cifras dos EUA. Porém, deve-se ressaltar que estes mercados não são consolidados para as exportações catarinenses, comparativamente aos EUA e a própria Argentina, cuja porcentagem continua expressiva, apesar das contínuas crises que afetam aquele país.

Tabela 4: Destino das exportações catarinenses entre 2006 e 2009. Valores em US\$ FOB

País	Anos			
	2006	2007	2008	2009
EUA	1.390.665.972	1.277.363.371	1.138.616.610	745.697.539
Holanda	260.262.484	432.771.120	554.527.227	526.706.531
Argentina	396.283.327	522.451.783	547.590.406	409.326.111
Japão	228.766.784	328.738.280	558.180.900	315.380.850
Alemanha	284.241.938	367.245.174	369.384.913	272.001.037

Fonte: Elaborado com base nos dados de Ministério do Desenvolvimento, Indústria e Comércio Exterior. Disponível em: <<http://www.mdic.gov.br//sistema/interna/interna.php?area=5&menu=1078&refr=1076>>.

De qualquer forma, a informação relevante a ser considerada aqui é que os principais parceiros comerciais de destino dos produtos de Santa Catarina estavam diretamente afetados pela crise econômica global, especialmente os EUA e os países da Zona do Euro, fato que explica em parte o resultado tão ruim da balança comercial catarinense no período considerado.

Para se ter uma ideia da dimensão desses impactos, basta observar que o comércio externo de Santa Catarina com os Estados Unidos passou de US\$ 1.1 bilhão, em 2008, para US\$ 745 milhões, em 2009, sendo esse país o que mais deixou de adquirir produtos catarinenses no período agudo da crise. Processo semelhante ocorreu com as relações comerciais do estado com o Japão, cujos montantes globais estiveram em ascensão até 2008. Em termos absolutos, nesse ano as exportações atingiram a cifra de US\$ 558 milhões, mas assim que a crise foi instaurada esse valor caiu para US\$ 315 milhões no ano seguinte.

A Tabela 5 mostra a origem das importações dos seis produtos selecionados para análise. Em primeiro lugar, deve-se registrar que a lista é composta por produtos manufaturados, o que evidencia certa contradição, uma vez que se exportam produtos básicos e semimanufaturados, enquanto se adquirem produtos altamente industrializados e com muito valor agregado.

Verifica-se que os produtos importados, como os catodos do cobre, são insumos para as empresas do setor de metal-mecânico, com destaque para a WEG de Jaraguá do Sul e para a Fundação Tupy de Joinville. O valor importado deste produto vinha apresentando uma trajetória de crescimento até a eclosão da crise, entrando em estagnação na sequência em função da retração da demanda por esses produtos

fabricados por estas empresas e outras do ramo industrial de bens de capital instalado no estado de Santa Catarina.

Tabela 5: Principais produtos importados pelo estado Santa Catarina entre 2006 e 2009 valores em US\$ FOB.

Produtos	Anos			
	2006	2007	2008	2009
Catodos de Cobre	395.517.261	551.733.966	868.258.481	687.253.717
Fio de Fibras Artificiais	32.391.938	115.150.415	95.615.932	168.010.505
Outros Polímeros	125.824.059	138.980.783	187.510.559	158.447.052
Outros Polietilenos	107.369.702	92.529.222	140.292.461	150.800.930
Fio Texturizado	40.347.508	53.011.780	94.272.761	109.157.085
Malte não torrado	66.114.880	40.898.676	77.975.654	99.267.613

Fonte: Elaborado com base nos dados de Ministério do Desenvolvimento, Indústria e Comércio Exterior. Disponível em: <<http://www.mdic.gov.br//sitio/interna/interna.php?area=5&menu=1078&refr=1076>>.

Outro aspecto importante está relacionado ao aumento das importações de produtos utilizados na indústria têxtil catarinense, como por exemplo, os fios de fibras artificiais, o fio texturizado e outros polietilenos. Esse fato revela a evolução do setor industrial têxtil diante do impacto sofrido na década de 1990, quando a indústria têxtil catarinense foi toda remodelada para enfrentar a concorrência externa, principalmente dos produtos oriundos da China.

A categoria do produto “outros polietilenos” manteve seu crescimento mesmo durante o período de crise. Uma explicação para esse comportamento reside no fato de que esses produtos são utilizados como insumos para a fabricação de outros produtos para o consumo no mercado doméstico, especialmente no setor de encanamentos. Como esses materiais são mais utilizados na indústria da construção civil e este foi um setor bastante apoiado pelos programas governamentais que visavam manter a demanda interna em elevação para fazer frente à crise, é perfeitamente possível explicar o comportamento demonstrado com base na dinâmica interna.

4 – CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este trabalho analisou os impactos da crise que se instaurou a partir de 2008 na balança comercial de Santa Catarina. Para tanto, inicialmente discutiu-se o surgimento da crise e sua evolução para o conjunto da economia mundial para, posteriormente analisar os seus efeitos sobre a economia brasileira e catarinense.

A crise se explicitou no Brasil através do esgotamento da capacidade importadora das economias centrais. Sendo o Brasil um país com um elevado índice de exportação, acabou sofrendo as consequências de uma perda de dinamismo nos mercados mundiais. Isto exigiu uma resposta rápida e eficaz do governo. Num primeiro momento se renunciou a arrecadação de alguns impostos importantes para tentar estimular o nível de consumo interno. Assim, a redução do IPI e do IOF, ao mesmo tempo em que estimularam o consumo, acabaram estimulando também o nível de produção para que o mesmo ficasse num patamar relativamente estável.

Durante o período mais grave da crise, a economia brasileira apresentou uma taxa de crescimento muito próximo à zero no ano de 2009. Em grande medida, este comportamento se deve aos efeitos das políticas governamentais de estímulo à demanda interna, ao mesmo tempo em que se aumentou a liquidez dos bancos e se deu continuidade aos projetos sociais, como o programa Bolsa Família e o programa Minha Casa, Minha Vida, como forma de se conformar antídotos à crise.

No caso da balança comercial catarinense percebeu-se uma tendência a grandes aumentos das importações no período considerado. Este elevado crescimento nas importações do estado, juntamente com a queda nas exportações decorrentes do fraco dinamismo no mercado mundial, contribuíram para que a balança comercial catarinense se tornasse deficitária após o ano de 2009, permanecendo nesta situação pelo menos até o ano de 2012.

Esta forte expansão das importações da economia catarinense é fruto de diversos fatores. Um deles reside na política cambial utilizada pelo governo brasileiro. A taxa de câmbio brasileira foi se apreciando ano a ano após o período conturbado de crises econômicas no final dos anos 1990 e início dos anos 2000. Essa apreciação continuou até que a economia do país começar a sentir os efeitos da crise econômica.

Outro fator que contribuiu para os crescentes déficits na balança comercial catarinense vem de seus parceiros comerciais. Pelo lado das exportações, os principais

parceiros da economia catarinense eram Estados Unidos, Alemanha, Holanda e Japão, países que sofreram mais diretamente as consequências da crise mundial, o que levou a uma natural redução do volume exportado do estado para esses países.

Pelo lado das importações, um dos pontos principais diz respeito às relações comerciais com os Estados Unidos. Enquanto que as exportações para os EUA decresceram muito no período da crise, as importações brasileiras de produtos vindos dos Estados Unidos caíram em uma proporção muito menor com relação à queda das importações norte-americanas de Santa Catarina. Com isso, os elevados saldos comerciais que o estado tinha com os EUA quase desapareceram após o surgimento da crise.

Outro aspecto relativo às importações é o crescente aumento de produtos advindos da China. Este aumento das importações de produtos chineses aconteceu em proporções muito elevadas, mesmo no período da crise. Isto foi fundamental para a balança comercial catarinense apresentar elevados déficits já a partir de 2008.

Em síntese, o estudo mostrou que a balança comercial catarinense sofreu fortes impactos durante a crise mundial, seja pelo lado das exportações devido ao desaquecimento da economia mundial e a incapacidade de vender produtos de Santa Catarina em outros países, seja pelo lado das importações que tiveram uma expansão extraordinária em um contexto de crise e com impactos sobre a estrutura produtiva local ainda pouco analisados.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ALBERINI, D.V.; BOGUSZEWSKI L.D. Por Dentro do Subprime: a crise imobiliária americana e seus impactos na economia brasileira. **Vitrine da Conjuntura**. v.1, n.2, 2008.
- ALMEIDA, J.G. Como o Brasil superou a crise. **Dossiê da Crise II**. Associação Keynesiana Brasileira, ago, 2010. p. 57-62.
- ARESTIS, P. A tragédia grega e a crise na Zona do Euro. **Dossiê da Crise II**. Associação Keynesiana Brasileira, ago, 2010. p. 36-40.
- BANCO CENTRAL DO BRASIL. **Relatório Anual**. Brasília (DF): BCB, vários anos.
- BRESSER-PEREIRA, L. C. A crise financeira global e depois: Um novo capitalismo? **Novos Estudos CEBRAP**. v.86, p. 51-72, 2010.
- BORÇA JUNIOR, G.R; TORRES FILHO, E.T. Analisando a Crise do *Subprime*. **Revista do BNDES**. v.15, n.30, p.129-159, 2008.
- CARNEIRO, R. A globalização financeira: origem, dinâmica e perspectivas. **Texto para Discussão. IE/UNICAMP**, Campinas, n. 90, out. 1999.
- CARNEIRO, R. O Brasil Frente à Crise Global. **Interesse Nacional**. Abr/jun, 2009.
- CARNEIRO, R. O Desenvolvimento Brasileiro Pós-Crise Financeira: Oportunidades e Riscos. **Observatório da economia global**. Textos avulsos n.4, ago, 2010.
- CARVALHO, D.F. **A crise financeira dos EUA e suas prováveis repercussões na economia global e na América Latina: uma abordagem pós-minskyana**. III Encontro da associação Keynesiana Brasileira. 2010.
- CARVALHO, F.C. de. A crise econômica de 2010: Uma avaliação a meio do caminho. **Dossiê da Crise II**. Associação Keynesiana Brasileira, ago, 2010. p. 13-15.
- CORREA, V.P. Crescimento da dívida pública dos PIIGS Europeus e Movimentos Especulativos. **Dossiê da Crise II**. Associação Keynesiana Brasileira, ago, 2010. p. 32-35.
- FARHI, M. O impacto dos ciclos de liquidez no Brasil: Mercados financeiros, taxa de câmbio, preços e política monetária. **Política Econômica em Foco**, n. 7, p. 152-183, nov. 2005/abr. 2006.
- FARHI, M.; CINTRA, M.A.M. A arquitetura do sistema financeiro internacional contemporâneo. **Revista de Economia Política**. v.29, n.3, p.274-294, 2009.
- FERRARI FILHO, F. Como era de se esperar, a crise internacional chegou ao Brasil. E agora, o que fazer para mitigarmos os impactos da crise em 2009 e retomarmos o rumo do crescimento em 2010?. **Economia & Tecnologia**. Ano 05, v. 17, p.27-32, 2009.

FREITAS, M.C.P. de; CINTRA, M.A.M. Inflação e deflação de ativos a partir do mercado imobiliário americano. **Revista de Economia Política**. v.28, n. 3 (111), p. 414-433, 2008.

FEPese. **Portal da Economia de Santa Catarina**. Diversos Números. Disponível em: < <http://www2.fepese.org.br/portaldeeconomia-sc/index.php>>.

GONÇALVES, R. **Crise econômica: Radiografia e soluções para o Brasil**. Out, 2008. p. 1-18.

GONTIJO, C. Raízes da crise financeira dos derivativos subprime. **Texto para discussão 342, CEDEPLAR/FACE/UFMG**. 2008.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA. **Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios**. Diversos números. Disponível em: < http://www.ibge.gov.br/home/estatistica/pesquisas/pesquisa_resultados.php?id_pesquisa=40>.

IPEADATA. Disponível em: <<http://www.ipeadata.gov.br>>.

LIMA, D.B.T; MATHIAS, J.F.C.M. **Uma interpretação da crise subprime segundo a abordagem de Hyman Minsky**. II Encontro Internacional da Associação Keynesiana Brasileira. Set, 2009.

LINS, H.N.; MATTEI, L. Liberalização econômica e reestruturação produtiva: reflexos em Santa Catarina no limiar do novo século. In: MATTEI, L; LINS, H.N. (orgs.). **A socioeconomia catarinense: cenários e perspectivas no início do século XXI**. Chapecó, SC, Argos, 2010. 420 p.

PAULA, L.F. de; FERRARI FILHO, F. Desdobramentos da crise financeira internacional. **Revista de Economia Política**. v. 31, n. 2 (122), p.315-335, 2011.

MAIA, G.B. da S. Sistemas Financeiros e Securitização: Implicações para a Política Monetária. **Revista do BNDES**. v. 15, n. 30, p. 207-229, 2008.

MINISTÉRIO DO DESENVOLVIMENTO, INDÚSTRIA E COMÉRCIO EXTERIOR. **Balança comercial por Unidade da Federação**. Diversos números. Disponível em: <<http://www.mdic.gov.br/sitio/interna/interna.php?area=5&menu=1078&refr=1076>>.

PASTORE, A.F.; PINOTTI, M.C. A Crise de 2008 e o Brasil. **Fórum Nacional – Edição extraordinária**. Estudos e pesquisa n.259, 2008.

PAULANI, L.M. A crise do regime de acumulação com dominância da valorização financeira e a situação do Brasil. **Estudos Avançados**. v.23, n.66, p.25-39, 2009.

POCHMANN, M. O trabalho na crise econômica no Brasil: primeiros sinais. **Estudos Avançados**. v.23, n.66, p.41-52, 2009.

PRATES, D.M. O Efeito-contágio da crise global sobre os países emergentes. **Dossiê da Crise II**. Associação Keynesiana Brasileira, ago, 2010. p. 53-55.

TEIXEIRA, E. **As três metodologias: acadêmica, da ciência e da pesquisa**. 3 ed. Petrópolis: Vozes, 2006.

VENTURI, A.; MATTEI, L. Estrutura e dinâmica do mercado de trabalho em Santa Catarina na virada do século XX. In: MATTEI, L; LINS, H.N. (orgs.). **A socioeconomia catarinense: cenários e perspectivas no início do século XXI**. Chapecó, SC, Argos, 2010. 420 p.

VERSIANI, F.R. A Economia Brasileira Nas Últimas Décadas: Avanços e Problemas. Nov, 2011. p. 1-30

WORLD BANK. Banco Mundial. **Databank**. Disponível em: <<http://data.worldbank.org/topic/economic-policy-and-external-debt>>.

ZANELA, A.B.; BORTOLUZZI, C.A.; ORLOWSKI, R.F. O comportamento da indústria catarinense a partir dos resultados da balança comercial entre 2000 e 2008. **Unochapecó**, 2010, p. 1-21.